ASSIGNATURAS
Corte, anno..... 10$000
Semestre..... 5$500
Trimestre..... 3$000
Mez..... 1$000
Pagamento adiantado

O SORRISO

ASSIGNATURAS
Provincias, anno. 12$000
Semestre..... 7$000
Trimestre..... 4$000
Mez..... 1$500
Pagamento adiantado

JORNAL SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO
Dedicado ás Moças Brasileiras
PROPRIEDADE DE M. J. MACHADO & F. A. COSTA
PUBLICA-SE DUAS VEZES POR SEMANA.
Numero avulso 100 rs. Edição especial do assignante 200 rs.
COLLABORAÇÃO FRANCA AOS ASSIGNANTES

Collaboradores effectivos:—Drs. Mello Moraes, Luiz Cardoso, Bernardino Bormann, Macedo de Aguiar, Agostinho de Araujo, S. Junior, Alfredo Gomes e Symphronio Cardoso.— Constantino do Amaral Tavares, Victor da Cunha, Augusto Emilio Zaluar, J. M. Tavares, João Mendes, Dr. Mello Moraes Filho, Dr. Walduroff, D. Francisca Gonzaga, F. A. Costa, etc

Escriptorio e Redacção.—Rua de Gonçalves Dias 28

Anno I Rio de Janeiro, 3 de Novembro de 1880 N. 10

Visconde do Rio Branco

—

Aquella fronte divina,
Sacrario da inspiração,
A espargir a bondade
Innata em seu coração;
Cuja palavra vibrante,
Reflectida, insinuante,
Plena, traçando a verdade,
Pendeu, sorrindo da sorte,
Que, tentando dar-lhe a morte,
Abriu-lhe a posteridade!

DR. LUIZ CARDOSO.

ESPERANÇA

A esperança é a linda criança loura de meigo sorriso que se nos mostra folgazã a cada instante.

Sempre que a vemos sentimos um impulso louco de prendel-a em nossos braços e sugar em beijos todos aquelles risos ingenuos e crystalinos; mas a esperança é como o beija-flor matizado, iriante, de vôo precipite, inconstante; o beija-flor que nunca alcançamos.

Ella possue uma varinha magica e omnipotente que faz voltar o passado e descortinar o futuro; construe tudo quanto ha de mais esplendido, mas tambem arruina, quando do prejuizo pode resultar vantagem.

E' uma criança caprichosa, que a sorrir espedaça entre os dedos delgados os mais mimosos brinquedos.

Affirmam as poeticas lendas christãs que, ao nascermos, Deus envia um de seus anjos para que nos guarde; não sei, ou é talvez a esperança, que nos beija no berço, quando ainda não a conhecemos, e nos acompanha durante toda a vida, sempre juvenil e sorridente, sempre linda e encantadora, sempre meiga e dedicada!

.....

Entrai comigo neste recinto, é pobre, pauperrimo; perante as telhas afastadas vê-se uns fragmentos de céu; o chão é terroso e poeirento, as paredes de ennegrecido barro; á frouxa claridade do immundo lampeão de azeite descobre-se a falta de aceio e a desordem.

Não vos detenhais na consideração do logar: é a senzala; reina ahi a atmosphera dos esterquilinios; fechai os olhos á abjecção de tantos entes que soffrem, porque a sociedade o quiz. Ouvistes acaso um soluço, olhai: está ali acocorada a um canto uma pobre escrava, que chora.

Ella encaneceu e definha no captiveiro; sua vida foi uma vida de dedicação e de alheiamento, viveu para os outros, nunca viveu para si.

A senhora aleitou-se em seu seio e criou-se sob suas vistas; ella protegeu-a em pequenina, fel-a sorrir com as cantilenas de sua terra, livrou a criança de mil perigos, e ouviu as primeiras confidencias da moça.

A mãe da senhora dissera um dia:

— Serás livre, quando minha filha deixar teu seio.

Ella começou a viver dessa esperança, identificou-se com ella; formulou uns planos tão bonitos: pediria um pedaço de terra ao senhor, ergueria uma casinha tosca no valle, rodeal-a-hia de plantações, daria muitos presentes á sinhazinha... e a africana cantava com a idéa da liberdade.

Depois o prazo alongou-se.

— Quando minha filha fôr para o collegio.

E a esperança, a menina a quem arrebataram o brinquedo, entristeceu e retirou-se amuada.

Mas voltou; a Sinhasinha crescia, approximava-se o termo; d'esta vez a pobre escrava conseguiria prender em seus braços a criança loura, porém a travessa fugiu-lhe ainda.

— Quando minha filha se casar.

A menina loura afastou-se por algum tempo; dir-se-hia que tinha medo d'aquella tristeza sombria da escrava, d'aquella mudez teimosa.

Queria approximar-se ás vezes, porém a desgraçada carregava o olhar e ella, fugindo amedontrada, ficava a fital-a de longe com vista melancholica.

Afinal venceram seus brincos infantis e a criança loura lançou os bracinhos alvos em volta do collo negro da africana: a esperança voltava e com ella o sorriso á captiva.

Sinhasinha casou-se e a escrava passou a pertencer-lhe; em logar de quebrar a cadeia lançaram-lhe outra ao pescoço. Até então olhava-a como filha, agora era mais uma senhora; ia cessar a confiança d'outr'ora.

Entretanto essa devia ser-lhe agradecida, fôra criada por ella; e a esperança affagava a escrava e fugia.

Dia por dia a infeliz esperou.

Depois a Sinhasinha deitou-lhe aos braços uma alva e tenra criancinha:

— No dia em que lhe ensinares a dizer *mamãe*, serás livre.

E a criança cresceu, e disse *mamãe*; mas a captiva envelhecia na servidão, esperando respirar um dia as auras da felicidade.

Mais tarde disseram-lhe:

— Quando ella morrer não servirás mais ninguem.

E obrigaram a escrava a esperar o mal de outrem. A infeliz suspirava entretanto, porque sabia que a senhora era moça, robusta, feliz e que ella morreria portanto no captiveiro.

— Mas si Sinhasinha morresse de repente.....

Aos labios da captiva assomava então um sorriso máu, porque era um agouro, de que todavia ella não tinha culpa, a coitada.

Era a criança loura que o fazia despontar; a esperança, sempre a esperança, unico bem dos infelizes!

S. Junior.

Kiss-me-quick?

Lucinda, minha bella, dás-me um beijo?
« Livre-me Deus, agora »!
Olha que é genuino e não sobejo!...
Vai-se embora!...
Concede-me, creança, por favor,
Um deleite sómente ao meu amor?
Ella me espia...
E lá de muito longe me assovia!...

Poderei causar nojo a esta traquinas?
As minhas expressões julgou ferinas?

Eis se não quando:
Vem ella mansamente se chegando.

« O senhor não me disse: ter desejos
« De dar na Lucindinha doces beijos? »

Sim, sim, sim, sim,
Chega-te a mim.

« Mas escute, senhor, ouça em segredo ...
« D'estas cousas d'amor, eu tenho medo!...»

E, fugindo de novo
Diz:—«Confio...
« Por que é a um mocinho que tem brio»!...
E logo, incontinente, de carreira,
De beijos um milhão deu-me a faceira!!...

Entre os braços cingi-a, com bem força,
E ella se safou como uma corça!...
A fazer-me gaifonas infinitas,
Que em vez de feias ser, eram bonitas!...

No fim de poucos lustros, incompletos,
Os beijinhos então 'stavam selectos:
Pois casou muito bem e foi feliz.
E hoje, quando me vê, rindo-se, diz:
« Conserva lembrança
« Ainda,
« Dos brinquedos
« Da Lucinda?... »

Dr. Walduroff.

As duas irmãs

Que duas irmãs tão bellas!
Uma morena, outra clara;
Qual d'ellas tem mais encantos?
Qual d'ellas será mais rara?

E' a morena a endeixa
Que faz o bardo gemer,
Que mata quando dá vida
N'um desejado morrer!

A clara como o jasmim
E' da candura o primor,
E' mais difficil de amar
Tem mais constancia no amor.

A morena é sympathia,
Portento de poesia;
E' tudo que a amar convida;
Com seu olhar fascinante
Céga, prende o esquivo amante;
E' a rainha da vida.

Resume a clara um thesouro,
Seus cabellos são de ouro,
Seus olhos da côr do cèu;
A sua alvura é mimosa,
Seus labios da côr da rosa
São da elegancia o trophéu.

Suspende, bardo insensato;
Da clara nasce a morena,
Nasce da morena a clara,
São ambas de Deus ornato.

São risos do Creador,
São flores juntas creadas,
São igualmente dotadas,
Descendem de um só amor!

DR. LUIZ CARDOSO.

Agonias d'alma

I

O sol já em seu leito agonisava,
e Délia no horizonte se mostrava
de luz tão radiante!..
E o brilho de seus olhos reflectia
na face do oceano que sorria
ás auras delirante!

Sublime mutação da natureza!
Mysterio sorprendente de belleza
por Deus organisado,
e ante o qual se humilha o ser humano,
por ver insondavel esse arcano
de um mundo imaginado!

Em certa villa um cemiterio havia
no qual materia humana em terra fria
voltava em breve ao nada!
Um cyprestal embellecia o solo,
privado já da luz do bello Apollo
até á madrugada!

Soturno abrigo! em ti medrosa cresce
a descorada flor que não fenece
ao beijo matinal!
Aqui, singelos leitos de pobreza;
ali, os monumentos de riqueza ..
vaidades afinal!

Pendida a fronte, mas em oração,
estava uma mulher—a seducção,
ante uma sepultura;
e á luz de uma lanterna que trazia
deixava ver um rosto em que se lia,
—soffrente creatura!

II

—Perdão, ó filha, perdão
se me atrevo a perturbar,
nesta immensa solidão,
o silencio tumular!

Verto pranto amargurado
neste mar encapellado
ao qual nós chamamos—vida,
onda sempre vacillante,
em que me vejo envolvida,
sem descançar um instante.

— Quantos sóes (tenho medo !)
triste, abatida e só,
hei pensado no segredo
volvido tão cedo ao pó !
Oh ! punge-me a consciencia,
Maldigo minha existencia,
por ter, ó fructo dilecto
de meus amores nascido
e de innocencia repleto,
o teu destino tingido.

— Ha dois annos (que martyrio !)
que o meu ser enfraqueceu,
e nas dobras do delirio
meu coração se envolveu.
Do metal o brilhantismo
fascinou-me e ao abysmo
fiz, de illibada pureza,
tombar da virgem o encanto,
trocando pela frieza
o que na filha era santo.

— Apaguei de teu porvir
para sempre a claridade,
e de repente dormir
vieste, roxa saudade,
das profundas agonias
por que passaste nos dias
de teus annos em verdor ;
deixando á mercê da sorte
a genetriz sem amor,
que originou tua morte !

— Que de tormentos e dor
tem tido o meu viver,
longe de ti, murcha flor,
pendida ao amanhecer !
Oh Deus ! abrandai meu erro,
tirando deste desterro,
em que vive mergulhada
minh'alma, que adormeceu,
da vida na longa estrada,
o coração que soffreu.

— Eulina, querida Eulina.
acorda por um momento,
e com tua voz divina
responde do firmamento
si para mim ha perdão
nessa vasta região
em que descanças agora,
Emmudeces—que frieza !
á supplica de quem chora
no seio da natureza.

III

Das noites a formosa rainha
encobriu de repente o semblante
com as azas da nuvem que vinha
divagar pelos céus inconstante.

Ao fugir tão depressa, sorrindo,
a phalena dos campos celestes,
vio-se junto da campa, surgindo,
uma fórma de candidas vestes.

A mulher que rezava contricta
junto ao leito da filha dormida,
levantou sua fronte e, afflicta,
julgou ser o remate da vida.

—Quem chamou-te, vivente, ao jardim
semeado de mortos sómente
e do qual sou cultora sem fim ?
Perguntou Proserpina ridente.

A infeliz penitente, de medo,
levantou-se bem tremula e fria:
—Impellida fui pelo segredo,
desbotado quando elle se abria.

— Oh! inquiras jámais meu passado,
que sómente é de laivos coberto,
e respeita o que ha de sagrado
deste leito no seio ora aberto.

— Oh! talvez que o meu ser tu ignores,
mas ficar has de breve sciente
de que a campa, recinto sem dores,
beijar deve teu corpo inda quente.

Proserpina, dest'arte fallando,
os seus braços nevados abriu
á inf'liz peccadora e, tentando
abraçal-a co'o manto, sorriu!

— E' em vão que tu queres fugir
deste solo por mim cultivado;
teu passado morreu, e o porvir
has de ver além mundo julgado.

IV

Vinha aurora afugentando
das trevas o denso véu,
e as luzes mil apagando
da grande cupola—o céu—
quando junto á sepultura
da bem pranteada Eulina
viu-se fórma feminina
(aliás de formosura),
e sobre a terra estendida
com o frio d'outra vida.

Junto a si e já sem luz
jazia velha lanterna,
que fôra qual noctiluz
na penitencia materna.
Então alçou-se a enxada:
uma cova foi aberta
e dentro logo lançada
a materia descoberta,
cujo ideal afflictivo
voára ao Ser redivivo.

MANOEL FERNANDES MACHADO.

Despedida

Triste momento aquelle em que nossa alma,
que sonha, adora e vive da ventura,
tem de dizer—adeus—á creatura,
que encheu seu coração de amor e calma!

×

E em vez de soluçar, do triste pranto,
fatua alegria conservar no rosto,
tendo no seio a sombra do desgosto,
forçando o peito a soletrar um canto!...

×

Altina, adeus! Mas antes da partida,
deixa ao meu coração uma esperança,
um sorriso, um aceno, uma lembrança,
que eu possa conservar por toda vida!

×

Mas eu quero uma lembrança que gravada
fique em meu seio—sempre palpitante,
e que mostre a sorrir a todo instante,
teu rosto, teu perfil—pomba adorada!...

Côrte, 21 de Setembro—80

Serões da Provincia

POR

JULIO DINIZ

—

AS APPREHENSÕES DE UMA MÃE

No campo o meio dia adivinha-se independente de relogios. Um silencio mais profundo, um não sei que particular na luz do sol, uma côr uniforme que parece tingir a paisagem, nol-o annunciam. Depois temos a voz do estomago, esta poderosa voz mais real do que a do sangue, a qual os romancistas comtudo admittem como facto incontroverso. O estomago quer aos

seus habitos, como viscera burgueza que é; uma vez affeito a comer ao meio dia, exaspera-se quando lhe tardam e agitando-se no abdomen dá a conhecer á economia as suas necessidades imperiosas.

Foi a razão pela qual o abbade, escutando o appetite, este irmão mais novo da fome, jovial como creança, mas cujo humor se azeda com a idade, se approximou da janella, comtemplou os ares, e voltando-se, soltou estas palavras, que vieram dar a razão dos bocejos continuados do medico, de suas frequentes visitas ao bufete e dos suspiros, melodiosamente melancolicos, do doutor:

— Isto deve ser meio dia.

— Ha-de ser—disse D. Margarida,—vou mandar tirar o jantar; Thomaz provavelmente janta mais tarde

Estas palavras foram acolhidas com geral satisfação.

E o jantar veio para meza; rompeu a agradavel orchestra de garfos e facas, para muito boa gente mais harmoniosa do que as melhores partituras de Bellini ou Donizetti; e todos emprehendemos, como alliados, uma batalha, cujos destinos não podiam ser duvidosos.

O medico e o abbade esqueceram por um pouco a reciproca antipathia; comtudo esta affabilidade diminuia na razão directa do appetite. A' sopa, eram quasi amigos, ao cosido tolerantes apenas; mas quando chegou o prato de meio, já os primeiros assomos de hostilidade começavam a transparecer. Um frango guizado foi o pomo da discordia.

Eis o caso:

A entrada triumphal da ave de Marte fôra saudada com verdadeiro enthusiasmo, e, depois de a admirar em globo, cada um em detalhe a admirava no prato.

— Excellente molho!—disse o abbade, imbebendo n'elle enormes fatias de pão trigo, gallicismo gastronomico que, seja dito de passagem, causa delicias a muitos severos puritanos.

— Eu sou partidario dos molhos—exclamou o doutor, seguindo o exemplo dado pelo visinho.

O medico, para contradizer, disse-os anti-hygienicos; mas não ficava atraz dos antagonistas na gloriosa cruzada contra este inimigo dos estomagos humanos.

— A historia dos molhos—accrescentava o abbade, limpando ao guardanapo os beiços besuntados—anda a par da civilisação. Os heróes de Homero desconheciam o verdadeiro molho; Virgilio falla-nos de carne assada no espeto, *veribusque trementia figunt*; *scilicet viscera*, mas nunca em molhos: Anacreonte...

— O abbade podia muito bem emprehender uma obra em que provasse...

— Os molhos? E' a obra que estou emprehendendo. Eh! eh! eh!

— Não, porém, que florescencia dos estados prendia nos aperfeiçoamentos dos molhos—terminou o medico, sorrindo.

O doutor que previu tempestade, tomou a palavra:

— Mas de facto, ha aqui uma fusão de substancias, que formam um todo delicioso.

— E' o gosto do cravo, da pimenta, do açafrão, da salsa, do alho; é tudo isto e não é nada d'isto;—paraphraseou o abbade.

— E' um verdadeiro systema constitucional;—disse o medico, que tomava posse do seu temperamento—e accrescentou:—O absolutismo, a predominancia d'um ele-

mento unico é sempre mau em molhos, como em politica.

O abbade tremeu.

O doutor concedeu uma rizada de approvação á burlesca comparação do medico. Grave imprudencia!

Isto acabou de transtornar o egresso:

— Bem me parecia, doutor, que vós outros avaliaes as coisas em politica pelas leis de gastronomia! Bom é tudo aquillo que satisfaz o estomago.

— Sem causar indigestão, — respondeu o medico, com imperturbavel sangue frio.

A cólera do abbade subia ao seu auge. Estava fullo.

— O vosso systema de molhos em politica, doutor, tem só o inconveniente de encher o governo de nodoas.

O abbade, superior á sua época, manejava já então o *calembourg*, em que muito pouco se fallava ainda por cá.

Como ninguem se rira do gracejo, acompanhou-o elle d'uma gargalhada fradesca, de grau superior á homerica.

D. Margarida, inquieta pela ausencia prolongada de Thomaz, não dava fé da tempestade, que se aglomerava sombria, nem pensava em intervenção.

Ensaiou-o o doutor e enchendo os copos:

— Vá, exclamou, á saude da fusão dos partidos e dos...

O abbade não deixou concluir.

— Tambem o doutor!

Isto fez-me lembrar o *tu quoque* de Cesar.

O doutor sentou-se desanimado.

Fr. Domingos perdera de todo a cabeça; os olhos injectados cahiram sobre mim; não lhe escapei, innocente victima que era!

— Falta o Sr. lá, o que me disse que preferia aos poetas antigos as poesias de... Robespierre ou não sei que outro heróe.

D. Margarida comprehendeu emfim a necessidade de intervir e não lhe foi difficil.

— Abbade, eis os ovos de recheio.

Foi agua que cahiu na fervura.

Tudo serenou e cedo os ovos foram, no rigor da palavra, absorvidos.

O resto do jantar correu sem outra novidade, a não ser a saudação geral, que victoriou a sorpreza do doutor, a qual, d'esta vez consistiu em uma duzia das decantadas frigideiras de Braga, a mais appetitosa concepção dos pastelleiros da *augusta* cidade *Cezaria*.

V

Acabado o jantar e dita a oração de *graças*, a senhora de Entre-arroios, depois de nos dar as *boas tardes* do estylo, chamou a attenção dos circumstantes, pedindo que se passasse a discutir o futuro de Thomazinho.

O medico, depois de fazer uma ultima provisão de ameixas seccas, que elle sustentava serem estomachaes, deu o assentimento; imitou-o, em ambas as coisas o abbade, apesar da mutua animadversão, e contentando-se o doutor de se prover de palitos, passamos todos para o salão contiguo, que era o logar de honra da casa e escolhido pela Sra. D. Margarida de proposito para augmentar a solemnidade do acto.

A senhora de Entre-arroios tomou a cadeira da presidencia; todos se sentaram, só eu que, preoccupado pela subita doença do pai de Paulina, tinha pouca vontade de entrar na discussão, me conservei um pouco de lado, sem que ninguem se lembrasse de me chamar, nem a senhora de Entre-arroios, a qual provavelmente me quiz facilitar o ensejo de terminar a leitura da poesia de Thomaz. (*Continúa*).

Typ. Economica, Rua de Gonçalves Dias n. 28